



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**VIVENDO A CRUZ E O ARCO-ÍRIS:
reflexões sobre trajetórias de vida e reconhecimento de gays cristãos**

Robson Antônio da Silva Gonçalves

Porto Alegre

2018

Robson Antônio da Silva Gonçalves

**VIVENDO A CRUZ E O ARCO-ÍRIS:
reflexões sobre trajetórias de vida e reconhecimento de gays cristãos**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Psicologia do
Instituto de Psicologia da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para obtenção do título de psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi

Porto Alegre

2018

Robson Antônio da Silva Gonçalves

**VIVENDO A CRUZ E O ARCO-ÍRIS:
reflexões sobre trajetórias de vida e reconhecimento de gays cristãos**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Psicologia do
Instituto de Psicologia da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul como requisito
parcial para obtenção do título de psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi

Prof. Dr. Henrique Caetano Nardi – UFRGS (Orientador)

Prof. Dra. Paula Sandrine Machado – UFRGS (Comentadora)

Porto Alegre, 18 de janeiro de 2018.

*A meus três Ls: Luciana, Luiz e Leonora
mãe, pai e vó
com amor, saudade e gratidão!*

AGRADECIMENTOS

Tenho para mim que a gratidão é um dos sentimentos mais nobres que podemos cultivar. Portanto, meu coração transborda de boas coisas ao redigir alguns pequenos parágrafos de agradecimento acerca desse percurso ímpar oportunizado pela graduação. Percurso que se tornou ainda mais carregado de significado pelo fato de eu ter sido o primeiro da minha família a ingressar no ensino superior, especialmente em uma universidade pública tão prestigiada como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ora, acredito que, se temos e aproveitamos a oportunidade de agradecer é porque julgamos que algo digno de tal se antecedeu e, arrisco dizer, apostamos que coisas melhores sobrevirão. Assim, pelo passou e pelo o que há de vir, agradeço...

A meu orientador Henrique Nardi por ter aceitado me auxiliar na produção desse trabalho. Por toda disponibilidade e acolhida às minhas angústias que confirmaram a suspeita de que é um orientador fantástico. Por todas as contribuições, as dicas de leitura e palavras de encorajamento, gratidão!

A todas as instituições e, especialmente, a todos os sujeitos que, de alguma forma, contribuíram para que este trabalho fosse realizado. Por acreditarem na potência dessa pesquisa e acolherem a ideia de fazê-la possível. Por disponibilizarem parte do seu tempo, compartilharem suas lutas e trajetórias, gratidão!

A todas as pessoas que conheci através da UFRGS e que tornaram o percurso da graduação uma fonte de inenarráveis riquezas. Por dividirem comigo parte dessa caminhada, tornando-a mais leve, frutífera e inesquecível. Ao excelente e sensível corpo docente do Instituto de Psicologia, ao NUPSEX, ao PET Psicologia e ao Tumor do Amor, gratidão!

A todos os campos de estágio, equipes e, especialmente, às supervisoras que acolheram minhas inquietações e me auxiliaram na concepção do fazer de uma psicologia ética e humana. Por terem apostado e investido em mim, sendo admiráveis inspirações e grandes exemplos. Às equipes técnicas da Fundação de Atendimento de Deficiência Múltipla (FADEM), do programa Primeira Infância Melhor – Porto Infância Alegre (PIM – PIA), da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS (CAP – UFRGS) e da Fundação de Proteção Especial do Rio Grande do Sul (FPERGS), gratidão!

A minha mãe Luciana (*in memoriam*) por ser minha principal referência de doçura e compassividade. Por todas as vezes em que tu me fez sentir a criança mais especial do mundo, o filho mais amado e sortudo. Por todas as palavras de incentivo, as historinhas antes de dormir e os picolés de brigadeiro, gratidão!

A meu pai Luiz (*in memoriam*) por ter sido a inspiração para o homem que eu tenho me tornado. Por todas as vezes em que me abraçou e disse, ainda que em silêncio, que tudo iria ficar bem. Por todas as boas surpresas em datas aleatórias, as caronas no colo até minha cama, as confidências e conselhos, gratidão!

A minha avó Leonora (*in memoriam*) por ter sido a manifestação mais autêntica e pura do amor e da simplicidade. Por todas as vezes em que abriu mão de algo em meu favor, testificando que sempre me foi mais do que uma mãe. Por todas as novelas que assistimos juntos, todas as orações antes de dormir e brigas por eu ter perdido os inúmeros guarda-chuvas, gratidão!

A minha tia Carmem e minhas primas-irmãs Franciele e Juciele por serem o farol, o porto e o leme em meio a tantas tempestades. Por todas as vezes em que me ensinaram que família é quem acolhe, apoia e se importa. Por todos conselhos trocados, todas as dificuldades compartilhadas e alegrias proporcionadas ao fim dos longos e exaustivos dias, gratidão!

A todos os meus amigos e amigas por serem os tijolinhos que, firmes, seguem dando sustento e proteção para a minha construção. Por todos os momentos em que se fizeram presentes, ainda que não literalmente. Por me conhecerem tão bem a ponto de eu me tornar previsível, por todas as histórias malucas vividas e debates filosóficos em mesas de bar, gratidão!

A D-us por ter me dado o dom da vida e nunca ter me abandonado. Por todas as vezes em que através da fé, pude (re)significar e colorir as cinzitudes da vida. Por ser a força em momentos de fraqueza, consolo nos dias de desilusão e esperança em tempos de incerteza, gratidão!

O ser humano, filho, neto, sobrinho, primo-irmão, amigo, aluno e, agora, psicólogo que me torno diariamente carrega um pouco de cada um(a) de vocês!

Homossexualidade é um pecado. Homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno. Se quisessem mudar, poderiam ser curados de seus hábitos malignos. Se desviassem da tentação, poderiam ser normais de novo. Se eles ao menos tentassem e tentassem de novo em caso de falha. Isso foi o que eu disse ao meu filho Bobby, quando descobri que ele era gay.

Quando ele me disse que era homossexual, meu mundo caiu. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua doença. Há oito meses, meu filho pulou de uma ponte e se matou. Eu me arrependo amargamente de minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas. Percebo que tudo o que me ensinaram e disseram era odioso e desumano. Se eu tivesse investigado além do que me disseram, se eu tivesse simplesmente ouvido meu filho quando ele abriu o coração para mim... eu não estaria aqui hoje, com vocês, plenamente arrependida.

(...) Perante Deus, gentileza e amor são tudo. Eu não sabia que, cada vez que eu repetia condenação eterna aos gays... cada vez que eu me referia ao Bobby como doente e pervertido e perigoso às nossas crianças... sua autoestima e seu valor próprio estavam sendo destruídos. (...) Ele queria ser escritor. Suas esperanças e seus sonhos não deveriam ser tomados dele, mas se foram.

Há crianças como Bobby presentes nas suas reuniões. Sem que vocês saibam, elas estarão ouvindo enquanto vocês ecoam 'amém'. E isso logo silenciará as preces delas. Suas preces para Deus por entendimento e aceitação e pelo amor de vocês. Mas o seu ódio e medo e ignorância da palavra 'gay' silenciarão essas preces. Então... Antes de ecoar 'Amém' na sua casa e no lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se: uma criança está ouvindo.

Ganczewski, D. (Produtor) & Mulcahy, R. (Diretor). (2009).

Orações para Bobby [filme]. EUA: Once Upon a Time.

RESUMO

Este trabalho explora a forma como sujeitos homossexuais identificados com a teologia cristã percebem e compatibilizam a homossexualidade e o cristianismo. Para tanto, foi utilizado para análise o material de duas pesquisas distintas, mas com foco comum: trajetórias de vida entre o ser gay e o ser cristão. A primeira pesquisa tem como objeto a página virtual da instituição religiosa Igreja Cristã Contemporânea (ICC), que se apresenta como uma igreja inclusiva. Nesta primeira parte, foram investigados relatos de membros da Igreja Cristã Contemporânea publicados na seção de “Testemunhos” da página virtual da instituição. Já a segunda pesquisa trata de duas entrevistas semiestruturadas que buscaram explorar as trajetórias de vida de sujeitos homossexuais identificados com a teologia cristã. Deste modo, em termos metodológicos, operou-se com a perspectiva da análise discursiva inspirada em Michel Foucault. Para a análise foram considerados os modos de subjetivação observados tanto nos relatos textuais encontrados na página da Igreja Cristã Contemporânea, quanto no relato construído a partir das entrevistas semiestruturadas, pensando a intersecção entre a orientação sexual e a orientação religiosa, tendo como referência teórica a Teoria do Reconhecimento postulada por Axel Honneth, além de considerações foucaultianas e de outros estudos que se dedicaram a essa temática. Isto posto, pretende-se, a partir dos resultados deste estudo, compreender de que forma sujeitos homossexuais identificados com o cristianismo evangélico concebem e conciliam essa condição que pode ser considerada, *a priori*, divergente.

Palavras-chave: homossexualidade; cristianismo; trajetórias de vida, reconhecimento.

ABSTRACT

This work explores how homosexual subjects identified with Christian theology perceive and reconcile homosexuality and Christianity. To do so, we used material from two different researches, but with a common focus: life narratives of being gay and being Christian. The first research uses as material for analysis the virtual page of the religious institution Igreja Cristã Contemporânea (ICC), which presents itself as an inclusive church. In this first part, we analyzed reports of members of the Igreja Cristã Contemporânea published in the "Testimonies" section of the institution's virtual page. The second research, however, is composed of semi-structured interviews that sought to explore the life trajectories of homosexual subjects identified with Christian theology. Thus, in methodological terms, it operated with the perspective of discursive analysis inspired by Michel Foucault. In the analysis, we focused on the subjectification modes present both in the textual narratives found on the page of the Igreja Cristã Contemporânea and in the narrative constructed from the semi-structured interview, considering the intersection between sexual orientation and religious orientation, having as theoretical reference the Theory for Recognition proposed by Axel Honneth, alongside with Foucaultian considerations and other studies dedicated to this subject. Finally, this study intended to understand how homosexual subjects identified with evangelical Christianity conceive and conciliate this condition that can be considered, *a priori*, divergent.

Keywords: homosexuality; Christianity; life narratives, recognition.

SUMÁRIO

1 TRAJETÓRIAS.....	11
1.1 Da fundamentação histórica.....	11
1.2 Da fundamentação teórica	14
1.3 Do campo.....	15
1.3.1. Das narrativas textuais.....	15
1.3.2. Das narrativas orais.....	16
1.4 Dos participantes.....	17
1.4.1 Das narrativas textuais.....	18
1.4.2 Das narrativas orais.....	18
1.4.2.1 De Mauro.....	18
1.4.2.2 De Arthur.....	18
2 “SORRIA! JESUS TE ACEITA!” – TESTEMUNHOS	19
2.1 “Eu nasci gay e condenado ao inferno”: Atravessamentos cristãos e percepções sobre a homossexualidade	19
2.2 “Como se eu estivesse possuído por um espírito maligno”: Preconceitos na família de origem e em espaços cristãos tradicionais	20
2.3 “Eu orava incansavelmente para que Jesus me matasse”: Conflitos morais e sofrimento psíquico.....	21
2.4 “Percebi que deus me amava do jeito que eu era”: Ressignificação da cruz.....	23
3 VIVENDO A CRUZ E O ARCO-ÍRIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA	24
3.1 “Era algo que era pétreo, enrijecido, parado”: Modos de subjetivação	24
3.2 “Já fui de tudo que você possa imaginar”: Busca por espiritualidade	26
3.3 “Somos odiados pelos dois lados”: Lugar de pertença	28
3.4 “Uma fé que abraça todas as pessoas”: Ressignificação do cristianismo.....	29
4 SER GAY, SER CRISTÃO: LUTA POR RECONHECIMENTO.....	31

4.1 Do amor	32
4.2 Do direito	34
4.3 Da estima social	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	44
APÊNDICE B – Roteiro de Questionário e Entrevista Semiestruturada	45

1 TRAJETÓRIAS

Dá-se início a este trabalho a partir das trajetórias percorridas para que ele fosse construído. Sem dúvida, não se propõe aqui o exercício de levantar todos os percursos que, de algum modo, constituem este escrito, tampouco isso seria possível. No entanto, destacam-se alguns elementos importantes para pensar a formulação deste trabalho e suas reverberações.

1.1 Da fundamentação histórica

Historicamente, o mundo ocidental democrático é permeado por discursos e filosofias judaico-cristãs. Deste modo, considerando a religião como modeladora de subjetividades, herda-se a formulação de uma série de arquétipos que influenciam os modos de ser e estar em sociedade (Busin, 2008). Dentre estes, pode-se destacar a sexualidade humana, onde se incorpora a compreensão de uma sexualidade que se encontra em um ciclo construído a partir de uma natureza divina, a qual é tida como “normal” e, por consequência, seus desvios passam a ser assimilados como “anormais” por serem compreendidos em uma espécie de movimento contranatural. Em um contexto influenciado por convenções religiosas, a partir da sustentação de que há inclinações naturais da sexualidade e que o que é natural é postulado como bom, logo agrada a Deus, de outro lado se tem o que está posto fora desta linha de naturalidade sendo tomado como ruim, um desvio indesejável, ou até mesmo uma perversão. (Ceccarelli, 2000).

No Brasil, segundo Trevisan (2000), os tratamentos ofertados aos sujeitos que mantinham relações sexuais com pessoas do mesmo sexo eram semelhantes aos conduzidos na Europa, de modo que a medicina prescrevia a homossexualidade como uma inversão congênita ou psíquica. As décadas de 1960 a 1980 marcaram a história da homossexualidade no Brasil pela via do autoritarismo. Neste período, homossexuais eram perseguidos e humilhados publicamente por policiais e militares. Contudo, a partir da metade da década de 80, com a redemocratização da sociedade brasileira, a homossexualidade passa a ser tomada como um referente identitário e não mais apenas práticas sexuais (Oliveira, 2006).

A partir do final da década de 1960, em boa parte da América do Norte e Europa Ocidental, pouco a pouco, a concepção da homossexualidade foi deixando a ideia de

psicopatologia ou imoralidade do ponto de vista médico, científico e jurídico, passando a ser compreendida como uma expressão da sexualidade humana. No que se refere especificamente à contribuição da ciência psicológica neste processo, podemos citar, em 1968, a retirada da homossexualidade enquanto distúrbio sociopático e, em 1973, enquanto desvio sexual do Manual Diagnóstico e Estatísticos dos Transtornos Mentais (DSM). Em 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista de doenças mentais do Código Internacional de Doenças (CID). Todavia, cinco anos antes, ou seja em 1985, o Conselho Federal de Medicina, já havia deixado de considerar a homossexualidade como psicopatologia e, em 1999, o Conselho Federal de Psicologia publicou a Resolução 001/99 que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual (Conselho Federal de Psicologia, 2011).

Dados do último censo desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010) revelam que 87% da população brasileira se identifica religiosamente com a doutrina cristã. O cristianismo está presente no Brasil desde a colonização e, historicamente, difundiu seus preceitos e dogmas. Não se pode negar que o imaginário cristão católico apostólico romano tem exercido forte influência sobre as manifestações cristãs nacionais, tal como também é inegável a pluralidade das instituições religiosas que professam o cristianismo no Brasil, sobretudo as conhecidas como evangélicas. Neste sentido, a fé cristã na sociedade brasileira é bastante ampla e provoca influência na concepção que se tem de organização social nos mais diversos temas, entre eles a sexualidade (Carvalho, 2014).

Deve-se, porém, destacar que pesquisas sobre sexualidade no contexto de igrejas cristãs revelam que não há homogeneidade nos posicionamentos, de modo que a maneira como a bíblia cristã é interpretada pode variar de igreja para igreja (Machado & Piccollo, 2010). Assim, naturalmente é possível encontrar diferentes interpretações acerca da homossexualidade no cenário cristão brasileiro, no entanto, é possível afirmar que, de maneira geral, as igrejas cristãs brasileiras, especialmente em virtude da influência do catolicismo, posicionam-se em condenação a práticas e sexualidades não heterossexuais e, até mesmo, a algumas práticas no interior da heterossexualidade, como a sodomia (Carvalho, 2014).

Assim, é possível depreender que a ética sexual normativa heterossexual (heteronormativa) presente no cenário cristão dificulta ou inviabiliza a inserção e

aceitação de indivíduos homossexuais em instituições cristãs tradicionais, além de propiciar condutas preconceituosas por parte de seus adeptos em relação a sujeitos e práticas não heterossexuais. Conforme afirma Natividade (2006), questões referentes à homossexualidade vêm sendo amplamente discutidas nas igrejas cristãs, as quais frequentemente buscam embasamento bíblico para repudiar ou justificar tentativas de “cura” do que se entende por um “mal” espiritual, de maneira que essas igrejas acabam por advogar por uma espécie de “heterossexualidade compulsória”.

Como anteriormente mencionado, dados censitários (IBGE, 2010) indicam que mais de três terços da população brasileira se considera cristã. Observa-se também que o campo religioso brasileiro vem atravessando um período de transformações, no qual a hegemonia do imaginário católico tem cedido espaço para a uma reestruturação que evoca aspectos da pluralidade encontrada nos grupos cristãos emergentes (Gabatz, 2015). Dentre as instituições que constituem a atual diversidade de vertentes cristãs se encontram as igrejas inclusivas. Essas igrejas surgem a partir do final da década de 1990, mas é a partir do início dos anos 2000 que intensificam seu movimento de difusão nacional. Por igrejas inclusivas se entende as instituições cristãs, majoritariamente alinhadas ao evangelicalismo, que se caracterizam especialmente por preconizar a compatibilização de condutas não-heterossexuais com a religiosidade cristã. (Jesus, 2012).

Em um levantamento realizado em 2017, por meio de páginas de busca na *internet* foram encontradas mais de 20 denominações diferentes de igrejas cristãs que respeitavam e acolhiam condutas não-heterossexuais. Levantamentos anteriores, realizados em 2004 e 2009, apontavam para a existência entre oito e dez igrejas inclusivas, respectivamente, sendo que algumas das instituições existentes em 2004, já não existiam mais, enquanto outras surgiram na pesquisa de 2009 (Jesus, 2010). De acordo com Musskopf (2008), essas igrejas acabam se inserindo em um quadro de disputa por reconhecimento na medida em que se dedicam a legitimar modos de vida não-heterossexuais, ressignificando textos bíblicos a partir da experiência de sujeitos não identificados com a heterossexualidade.

Bourdieu (1992) escreve, ainda, sobre a função da religião de, historicamente, oferecer possibilidades frente ao mal, o infortúnio, o sofrimento e a morte, além de servir de via para concentrar respostas e consolo, ao mesmo tempo em que propõe alternativas para vencer e suportar as dificuldades da existência. Desta forma,

historicamente, boa parte da humanidade teria buscado na religião um sentido para a vida. No caso do Brasil, uma nação cuja religião cristã exerce forte influência sobre a subjetivação das pessoas, pensa-se sobre a realidade de indivíduos não-heterossexuais que acabaram se constituindo enquanto sujeitos atravessados pelas crenças cristãs. Em razão disso, este estudo pretende analisar como sujeitos homossexuais que, de alguma forma, se identificam com a teologia cristã, sobretudo a vertente evangélica, compreendem os atravessamentos e implicações deste paradoxo, *a priori*, dissidente: entre ser gay e, simultaneamente, se identificar com o cristianismo.

1.2 Da fundamentação teórica

Parte da fundamentação teórica deste trabalho consiste em ideias disparadoras suscitadas a partir da Teoria do Reconhecimento proposta especialmente pelo filósofo e sociólogo Axel Honneth. O pensamento de Honneth está vinculado à Teoria Crítica postulada inicialmente pelo o que ficou conhecida como escola de Frankfurt, nascida na Alemanha. Assim, admite-se a perspectiva do reconhecimento como central para uma teoria crítica da sociedade contemporânea. (Matos, 2004).

A Teoria do Reconhecimento de Honneth tem por base a psicologia social de George Herbert Mead, da qual emana a ideia de que cada sujeito tem sua identidade constituída a partir da experiência de um reconhecimento intersubjetivo. O que Honneth chama de luta por reconhecimento fala sobre o processo no qual se constitui a subjetividade e identidade individual e coletiva, “condição para o desenvolvimento de uma identidade positiva necessária para a participação na esfera pública” (Matos, 2004, p. 150). O autor defende também a existência de uma ideia de vida ideal baseada em critérios normativos, que acaba subsidiando as lutas por reconhecimento.

Em sua Teoria do Reconhecimento, Honneth (2009) procura explicar a formação da identidade colocada em uma estrutura formada por três dimensões de reconhecimento, que são: o amor, o direito e a estima social. Deste modo, em linhas gerais, se compreende que a formação de identidade dos indivíduos é construída por um processo intersubjetivo que ocorre quando se é reconhecido nas relações com o próximo (amor), na prática institucional (direito) e na convivência em comunidade (estima social).

No presente trabalho importa investigar elementos presentes nas trajetórias de vida de homossexuais identificados com o cristianismo, bem como explorar de que forma os sujeitos conciliam estas duas marcas identitárias, *a priori*, dissidentes. Então, a partir da ideia de identidade e reconhecimento intersubjetivo, pretende-se explorar o modo como indivíduos se posicionam no que se refere a serem reconhecidos nessa intersecção. Para tanto, iremos buscar subsídios também na teoria foucaultiana para ajudar a pensar acerca dos discursos construídos a partir da narrativa que cada sujeito faz de sua trajetória atravessada pelo marcador da homossexualidade e, também, do evangelicalismo.

Fischer (2003), com base na teoria foucaultiana, aponta o discurso como um lugar de luta permanente, pensando que o discurso não deve ser tomado apenas como um conteúdo representado por um determinado sistema de signos. Para Foucault (2012), o sujeito é constituído por uma rede de discursos de saber e de relações de poder, de modo que ele se constrói no e pelo discurso, a partir do qual são normalizadas as ações e dirigidas suas condutas. Portanto, para pensar os discursos é importante depreender como estes se configuram, e a partir de quais condições de possibilidade emergem. Alves & Pizzi (2014), destacam ainda que os discursos precedem os sujeitos e as subjetividades, sendo que são estas, as subjetividades, que acabam por dar materialidade aos sujeitos.

1.3 Do campo

Este trabalho se constitui a partir de duas pesquisas distintas, mas com foco comum: trajetórias de vida marcadas entre o ser gay e o ser cristão. A primeira pesquisa, referente às narrativas textuais, pode ser considerada um dispositivo de ingresso no campo do cristianismo inclusivo, dando subsídio para pensar questões acerca desta temática. Por sua vez, a segunda pesquisa corresponde a uma tentativa de aprofundar a compreensão do que foi observado no primeiro estudo, explorando de forma mais abrangente o método das trajetórias de vida.

1.3.1. Das narrativas textuais

Esta pesquisa, cujo objeto de análise foi o conjunto de relatos textuais publicados na página virtual da Igreja Cristã Contemporânea (www.igrejacontemporanea.com.br acesso em 10 de novembro de 2017), tem um

caráter exploratório e documental. A Igreja Cristã Contemporânea se posiciona como uma igreja que não discrimina pessoas por cor, raça, gênero, *status* social ou financeiro, gênero ou orientação sexual. Deste modo, esta igreja se define uma instituição religiosa inclusiva, mas não exclusiva a homossexuais, porém, em vista de utilizar de uma ideologia cristã que não rejeita nenhum indivíduo, tem em seu coletivo mais membros homossexuais do que outras denominações.

Foi a partir de uma busca *on-line* de páginas virtuais referentes a igrejas comumente conhecidas como inclusivas, que se chegou à página da Igreja Cristã Contemporânea (ICC). Na página da ICC, é possível encontrar uma aba denominada “Artigos” que remete à sessão “Testemunhos”. Nesta sessão, foram encontradas, ao total, cinquenta e seis (56) publicações que, após lidas, foram divididas em três categorias, a saber: 1. Trajetórias de vida, nas quais constavam narrativas de trajetórias de vida pessoais de sujeitos; 2. Experiências na Igreja Cristã Contemporânea, nas quais eram relatadas experiências de membros da ICC em relação à própria instituição e; 3. Outros, nas quais foram publicados conteúdos diversos como vídeos e entrevistas.

1.3.2. Das narrativas orais

Esta pesquisa, por sua vez, tem caráter explicativo e está fundamentada no método da história oral na modalidade de trajetórias de vida. De acordo com Gonçalves & Lisboa (2007), este método utiliza de diferentes técnicas de entrevista buscando compreender as relações sociais por meio da singularidade de seus depoimentos.

Em um primeiro momento, foram pesquisadas na rede de *internet* igrejas "inclusivas" de Porto Alegre e região metropolitana. Após esta busca, fez-se contato com a Igreja Cristã do Amor Genuíno¹ e, então, foi realizada uma reunião com uma pessoa de referência na instituição para que se pudesse explicar a respeito da pesquisa. Após a concordância do líder eclesial, foi solicitado que ele repassasse a todos os membros daquela comunidade cristã informações sobre a pesquisa, indicando que aqueles que se enquadrassem no perfil alvo e tivessem desejo de contribuir concedendo uma entrevista, indicassem interesse contatando diretamente ao pesquisador via e-mail ou telefone, ou solicitando ao próprio líder religioso que mediasse o contato com o pesquisador.

¹ Nome fictício usado para resguardar a identidade dos sujeitos entrevistados.

Ao receber o contato dos possíveis participantes, o pesquisador explicou a proposta da pesquisa e, então, após os sujeitos terem concordado em participar, foram marcados encontros presenciais para elucidar eventuais dúvidas, coletar as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A) e realizar as entrevistas. As entrevistas aconteceram individualmente, em uma sala reservada na própria igreja exclusivamente para o pesquisador e o participante, levando em consideração a disponibilidade e comodidade dos entrevistados.

O procedimento de pesquisa utilizado para fins de levantamento dos elementos narrativos foi norteado por um roteiro de entrevista (APÊNDICE B), que serviu como fio condutor para a problemática a ser pesquisada. Ressalta-se que esse modelo de entrevista também permite diferentes direcionamentos e flexibilizações de acordo com as características singulares de cada entrevista e/ou respondente. As entrevistas foram gravadas, mediante consentimento livre e esclarecido dos entrevistados, confirmado a partir das assinaturas no TCLE (APÊNDICE A) e armazenadas em computador privativo sob guarda e responsabilidade do autor principal dessa pesquisa. Após, as entrevistas foram transcritas para fins de análise.

1.4 Dos participantes

Em ambas as pesquisas se observaram questões éticas no que se refere à inclusão de participantes e dados para análise. A primeira pesquisa, que tem como base os textos publicados na página virtual da Igreja Cristã Contemporânea não necessitou passar por Comitê de Ética por tratar de arquivos públicos disponibilizados em meio virtual de livre acesso. A segunda pesquisa, por sua vez, foi submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEP-PSICO), via Plataforma Brasil, a fim de que esta fosse executada a partir da observância dos parâmetros éticos e legais que norteiam as pesquisas em psicologia, pautados na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Ressalta-se que as participações tiveram caráter voluntário, confirmado a partir da concordância e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A). Deste modo, está garantida a cada participante a preservação de sua identidade e demais pressupostos éticos que assegurem sua integridade por participar da pesquisa.

1.4.1 Das narrativas textuais

Das cinquenta e seis (56) publicações encontradas na página virtual da Igreja Cristã Contemporânea, treze (13) foram categorizadas como experiências de membros da Igreja Cristã Contemporânea em relação à própria instituição, quatro (04) como outros e trinta e nove (39) como relatos de trajetórias de vida. Assim, foram tomadas para análise estas últimas 39 narrativas, especialmente vinte e nove (29) delas, nas quais estavam expressas experiências de preconceito em relação à homossexualidade no meio cristão.

1.4.2 Das narrativas orais

Essa pesquisa contou com a participação de dois (02) sujeitos do sexo masculino, cisgêneros, homossexuais e identificados religiosamente com o cristianismo evangélico. Os participantes foram escolhidos aleatoriamente, por conveniência, tendo sido considerado como critério principal a ordem de contato manifestando interesse em contribuir para o estudo através da concessão de uma entrevista.

1.4.2.1 De Mauro

Mauro² tem trinta (30) anos, é branco, nascido em uma capital urbana. Seus pais foram casados por bastante tempo, mas se divorciaram há alguns anos. Ele tem dois irmãos mais velhos que moram em outro Estado. Mauro tem formação superior, trabalha como autônomo e tem uma renda familiar aproximada de cinco (05) salários mínimos. Ele identifica-se como homossexual há quinze (15) anos e como cristão há onze (11) anos.

1.4.2.2 De Arthur

Arthur tem quarenta (40) anos, é branco e reside em uma região metropolitana. Seu pai faleceu quando ele ainda era criança, tendo sido criado, majoritariamente, por sua mãe. Ele faz parte de um grupo de quatro (04) irmãos e tem formação superior incompleta. Atualmente, trabalha como gerente comercial e tem uma renda familiar de aproximadamente quinze (15) salários mínimos. Arthur identifica-se como homossexual desde o final de sua adolescência e como cristã há cerca de dez (10) anos.

² Tanto o nome, quanto algumas informações acerca dos sujeitos foram modificadas a fim de garantir a preservação de suas identidades.

2 “SORRIA! JESUS TE ACEITA!” – TESTEMUNHOS

Nesta seção serão feitas algumas análises possíveis a partir da pesquisa documental realizada na página virtual da Igreja Cristã Contemporânea, igreja inclusiva que tem como *slogan* “Sorria! Jesus te aceita.”. Para tanto, conforme mencionado, foram analisados os trinta e nove (39) relatos de trajetórias de vida publicados na sessão “Testemunhos” da referida página. A seguir, serão abordados alguns pontos que comumente se repetiam nas trajetórias analisadas, especialmente das vinte e nove (29) narrativas que faziam referência direta ao percurso relacionado às vivências da homossexualidade em contextos cristãos.

2.1 “Eu nasci gay e condenado ao inferno”: Atravessamentos cristãos e percepções sobre a homossexualidade

Basicamente, o pano de fundo comum que atravessa a maior parte das trajetórias de vida analisadas a partir dos relatos diz respeito a importantes atravessamentos cristãos em contraste com a percepção da homossexualidade. Assim, na maior parte dos casos, os sujeitos relatam que, antes de explorar sua sexualidade, já estavam significativamente ligados a contextos cristãos, especialmente sob influência de uma educação referenciada no cristianismo, fortalecida por um contexto de origem no qual a religião carrega um valor apreciável, conforme podemos ver nos relatos de João, Marcelo e Fábio³:

Meus pais desde quando eu era criança fizeram questão de me educar na Igreja Católica. Fui formado com princípios dessa religião. Conseqüentemente a minha formação acadêmica desde criança até a minha adolescência foi em instituições ligadas a igreja Romana. (João)

(...) meu pai era católico, mas eu fui criado dentro da igreja evangélica pela minha mãe. Quando comecei a me perceber diferente dos outros meninos já que a homossexualidade começava a desabrochar dentro de mim passei por momentos de grandes conflitos internos e tentava esconder o que era dos meus pais e da igreja. Temia que meus pais me virassem as costas e que a igreja me excluísse. (Marcelo)

E assim foi: cresci no evangelho, minha adolescência e parte da minha juventude foram na obra de Deus. Tudo seria perfeito se não fosse o conflito que tinha dentro de mim a respeito de minha orientação sexual. Sentia-me estranho e

³ Nomes indicados conforme assinatura dos relatos públicos e de livre acesso disponíveis na página virtual da Igreja Cristã Contemporânea: <http://igrejacontemporanea.com.br>

culpado de um erro que não tive como escolher, levando um fardo que não era meu, me sentindo o pior de todos devido a desejos e vontades que era algo de minha própria natureza. (Fábio)

Por vivermos em um país majoritariamente cristão, sabe-se que a educação religiosa pautada em princípios dessa religião é bastante típica não apenas em núcleos familiares, como também no sistema educacional comum. Portanto, é possível pensar que esse atravessamento pode ser um fator chave para ser debatido quando se fala sobre a manutenção de lógicas hegemônicas que privilegiam alguns marcadores identitários em detrimento de outros, como no caso das sexualidades.

A subjetivação influenciada pela cultura cristã comumente leva o sujeito à crença de que ambos os aspectos – cristianismo e homossexualidade – não podem existir concomitantemente. Assim, relatos como os de Rodrigo e de um sujeito anônimo revelam a dificuldade de pensar a homossexualidade em um contexto cristão tradicional:

Aos 20 anos de idade, cheguei à conclusão que eu era assim e não havia um jeito de mudar. Ou eu deixava, ou viveria para sempre num mundo sem cor, sem alegria e sem felicidade. Tive de deixar a igreja. Apesar de amar muito o que eu fazia e ter sonhos. Mas lá eu sempre seria uma aberração e precisaria me libertar. Mas eu juro, eu não encontrava uma maneira de entender que existia algum tipo de demônio no meu corpo. Eu fazia o bem. Eu buscava a Deus e era sincero. Nunca brinquei de ser crente. Como Deus podia deixar isso acontecer? (Rodrigo)

Eu nasci gay e condenado ao inferno. Pois, era isto que eu aprendera tantos anos seguindo o evangelho. Como poderia servir a Deus, já sabendo que era condenado a perdição eterna? Minha cabeça era tormenta sem fim. Deixei a igreja. Me dei ao caminho para qual era predestinado. (Anônimo)

2.2 “Como se eu estivesse possuído por um espírito maligno”: Preconceitos na família de origem e em espaços cristãos tradicionais

Outro fator bastante presente nos trajetos dos membros da Igreja Cristã Contemporânea é a vivência de situações de preconceito dentro de espaços institucionais cristãos conservadores e/ou em suas famílias de origem. Conforme aponta Natividade (2013), cada vez mais estes segmentos hegemônicos têm surgido como anunciadores de posicionamentos conservadores quando se fala em homossexualidade, estando fortemente presentes, além da religião, também na mídia e na política. Portanto,

compreende-se que o preconceito em espaços cristãos fundamentalistas e em alguns grupos familiares, de certo modo, é legitimado pelos dogmas da religião cristã a partir do preceito de que sexualidades não-heteronormativas são consideradas abominações ou, ainda, maus indesejáveis, como podemos ver nos seguintes relatos:

Aos 13 anos eu conheci um garoto na escola e me apaixonei por ele, ele correspondeu e logo começamos a ter um envolvimento; como nessa situação era algo a mais que um desejo sexual, fui pesquisar sobre o sentimento entre dois homens e quanto mais eu estudava mais eu me desesperava, tudo indicava que eu era gay e segundo os ensinamentos do meu pai e todos na igreja, isso era pecado, abominável e se eu não mudasse tal comportamento estaria condenado ao inferno. (Jonatas)

Aqui vai um pouco da minha história... pertencia a Igreja Batista e lá me diziam que homossexualidade era pecado. Certa vez confrontei o pastor e eles me expuseram a uma situação muito constrangedora onde os obreiros ficaram orando em cima de mim como se eu estivesse possuído de um espírito maligno. (Everton e Victor)

2.3 “Eu orava incansavelmente para que Jesus me matasse”: Conflitos morais e sofrimento psíquico

Conforme apontam os testemunhos, em detrimento da já mencionada forte influência da religião cristã nos processos de subjetivação de sujeitos homossexuais, muitos acabam enfrentando grandes conflitos morais.

Ainda na adolescência tive algumas experiências homoafetivas, mas sempre me sentia culpado, pois havia aprendido que as práticas homossexuais eram abominações perante Deus e que estaria condenado ao inferno. (Leandro)

A fala de Leandro revela o conflito entre tomar a homossexualidade como uma anormalidade condenável ao mesmo tempo em que se reconhece com esse marcador identitário. Dando continuidade a seu relato, Leandro ainda fala sobre os movimentos que protagonizou com a finalidade de se ver livre dessa condição:

Porém ainda nessa época, não me conformava com a minha situação e fiz todos os seminários de libertação e cura interior que me indicaram, subi o monte, enfim... Tudo aquilo que muitos um dia já fizeram para ser liberto. (Leandro)

Assim como o de Leandro, diversos outros relatos da página virtual da Igreja Cristã Contemporânea fazem menção a esforços dirigidos a resolução de conflitos internos pela via de tentar “abdicar” da homossexualidade:

Resolvi casar, para fugir de mim mesmo, porque em mim estava a “marca da promessa”. Não foi diferente, passei 9 anos da minha vida orando, jejuando e me martirizando. (Moisés)

Decidi mudar, me libertar. Terminei o meu namoro adolescente, me batizei e travei uma luta contra a minha natureza. Eu orava, jejuava, subia montes, ia a vigílias nos mais variados ministérios. Na escola eu, juntamente com um grupo de amigos de outras igrejas, evangelizava na hora do intervalo. Eu fazia tudo, mas apesar de não praticar ações homossexuais, dentro o desejo pelos meninos crescia de uma forma indomável. (Jonatas)

Desde os 12 anos comecei a buscar libertações em orações, jejuns que nada adiantavam, era uma pessoa triste e muito introvertida, não falava com ninguém, sentia vergonha de mim mesmo, sentia uma pressão tão forte em minha consciência que minha postura ao andar e sentar era encurvada, cheguei a fazer exames o qual os médicos disseram a meus pais que não tinha problema algum na coluna e que meu problema era psicológico. (Bruno)

As falas acima, especialmente a de Bruno, convidam a refletir sobre o impacto do preconceito na saúde mental das pessoas. Estudos apontam que o estigma social, estresse, discriminação, isolamento, dentro outros fatores associados ao preconceito contra a orientação homossexual são fatores de risco quando se pensa em saúde mental. (Detomini, Rasera, & Peres, 2016). Adolescentes vítimas de homofobia, por exemplo, encontram-se em situação de vulnerabilidade, sendo expostos a diferentes formas de violência, situação que afeta diretamente sua saúde psíquica, interferindo também, de forma mais abrangente, em comportamentos e hábitos de saúde saudáveis (Natarelli, Braga, Oliveira & Silva, 2015). Dessa forma, faz-se vital pensar acerca do sofrimento psíquico vivido por esses sujeitos.

Essa questão é tanto emergente, quanto urgente, pois, durante a leitura dos relatos, é possível observar, seja de forma implícita, seja de forma explícita, um pedido de socorro por parte desses sujeitos. Algumas pessoas, inclusive, relataram a ocorrência de ideação suicida como saída para os conflitos enfrentados. Como podemos ver nos relatos abaixo:

O inimigo de nossas almas aproveitou e começou a falar nos meus ouvidos: “Você não pertence mais a Deus, quanto tempo não sente a presença de Deus? Você perdeu seu filho, sua esposa, sua família vai te abandonar quando souber da verdade.” (...) E todos os dias eu passava por cima de viaduto para ir pra faculdade, eu olhava os carros passando e a voz falava: “Se joga, sua vida está destruída!” O espírito suicida estava me rodeando, pedindo para tirar a minha vida. (Moisés)

A vida começou a ficar difícil, a depressão e a opressão que eu vivia me matava e confesso que eu orava incansavelmente para que JESUS me matasse, qualquer inferno era pouco perto daquilo que eu ouvia/via/passava! (...) Confesso que após algumas brigas em casa sai disposta a me matar, a vontade de acabar com aquela dor de rejeição é tão imensa que pensamentos demoníacos tomam conta de qualquer mente sã. (Rayanne)

Pensei em me matar 2 vezes. Relacionamentos frustrados. Tudo era ruim porque eu me sentia assim. (Anônimo)

2.4 “Percebi que deus me amava do jeito que eu era”: Ressignificação da cruz

Em razão dessa pesquisa ter sido realizada a partir de relatos de homossexuais integrantes de uma igreja inclusiva, a saída comum a todos foi justamente ressignificar a fé cristã, de modo que conseguiram se sentir novamente pertencentes ao que acreditavam na perspectiva da religião/espiritualidade. Os relatos revelam o quanto para alguns foi difícil viver sem estarem vinculados a um espaço no qual pudessem exercer a prática litúrgica da sua fé:

Resolvi sair da igreja, pois se eu não era aceito. Como poderia integrar, fazer parte das atividades, crescer espiritualmente? Assim, fiquei visitando várias igrejas, sem envolvimento, para não criar vínculos e ser descoberto de novo. (João)

Até que, não podia mais conter minha natureza. Ou me desprendia de Deus (pois cresci sendo ensinado que ele me abomina), ou arrancava minha natureza de mim! Pois é... nem um nem outro. Não podia sair da presença de Deus. Sempre o amei. Arrancar minha natureza... impossível. Passei a viver fases em minha vida. Certos momentos vivia na igreja e rejeitava minha natureza. Outros momentos aceitava minha natureza e tentava me esconder de Deus. Ambas fases sem sucesso algum. Eu não consigo me afastar da presença de deus... e minha natureza não pode ser tirada de mim. (Daniel)

Em todo esse tempo a certeza de que eu me sentia atraído por pessoas do mesmo sexo era certa mas não conseguia aceitar a ideia de viver longe do Senhor, abandonar meu chamado e tudo aquilo que Ele mesmo tinha me confiado. Meu coração gritava de dor. (...) O que eu não queria aconteceu, assumi esse namoro e acabei me afastando da igreja, mas o amor pelo Senhor Jesus só aumentava. Não aceitava ter que assumir pra mim mesmo a minha homossexualidade e viver longe do altar de Deus por isso. Triste demais. (Rodrigo)

Deste modo, conforme podemos observar nos relatos acima, se, por um lado, estar em uma igreja cristã tradicional sendo homossexual era causa de sofrimento para esses sujeitos, viver a homossexualidade afastados da prática religiosa também causava

sofrimento. E é neste contexto que as igrejas, popularmente conhecidas como inclusivas, firmam seu posicionamento em serem instituições religiosas referenciadas nos dogmas e preceitos cristãos, posicionando-se contra condenações no que se refere a marcadores sociais não-normativos, como as homossexualidades. O cenário no qual emergem essas igrejas se torna, então, propício para auxiliar esses sujeitos em um processo que podemos chamar de ressignificação da cruz, isto é, olhar para a cruz, como símbolo que representa o cristianismo, sob uma perspectiva diferente de outrora. Agora, eles poderiam, finalmente, se sentir integrados ao cristianismo sem precisar negar aspectos de sua condição sexual, conforme indicam as falas abaixo:

Acabei sendo expulso da igreja e confesso que sai revoltado. Mas Deus não havia se esquecido de mim e comecei a sentir o desejo de procurar por uma a igreja que aceitasse a homossexualidade como uma forma natural mostrando que Deus nos ama como somos. (Everton e Victor)

Certo dia uma pessoa me falou de uma igreja... uma igreja diferente! Que prega o evangelho de Jesus Cristo como é verdadeiramente, sem preconceitos. (...) Quando fui orado pelo pastor, ele falou do grande amor e cuidado de Deus pela minha vida. Naquele momento percebi que Deus me amava do jeito que eu era. Então pela primeira vez em minha vida passei a me amar, a me aceitar e o mais importante de tudo, voltei para os braços daquele que eu tinha “virado as costas”, mas nunca tinha desistido de mim, daquele que jamais havia me feito algum mal e não merecia todo o meu desprezo. (...) E mais que tudo hoje sei que Deus não olha para orientação sexual, mas sim um coração puro e sincero disposto a adorá-lo. (Fábio)

3 VIVENDO A CRUZ E O ARCO-ÍRIS: TRAJETÓRIAS DE VIDA

Aqui, serão tomadas para análise as entrevistas realizadas com dois (02) integrantes de uma igreja inclusiva da Grande Porto Alegre. A metodologia utilizada foi da história oral na modalidade trajetórias de vida. As análises discursivas a seguir serão pensadas à luz de contribuições foucaultianas.

3.1 “Era algo que era pétreo, enrijecido, parado”: Modos de subjetivação

Inicia-se essa sessão de análise colocando para reflexão algumas questões acerca da educação e criação de Mauro e Arthur, sujeitos homossexuais identificados com o cristianismo evangélico. Ao falar de sua criação e educação, Mauro relata que sua infância e adolescência foram boas, que seus pais, apesar de trabalharem fora, eram

presentes em sua criação. Ao responder a primeira pergunta da entrevista, uma questão aberta sobre como foi sua infância e adolescência, Mauro diz:

Certo! A minha infância e adolescência foi... posso dizer boa, né. A minha educação foi aquela educação bem é... comum na, da população brasileira que foi com a educação cristã católica, né. Meus pais, eles eram católicos, né. Eu tenho [...] irmãos mais velhos, né. Recebi toda, meu pai, minha mãe sempre foram pessoas, assim, muito presentes. Eles eram pessoas religiosas e o cristianismo foi introduzido na nossa família pela igreja católica, é... Minha mãe sempre foi uma pessoa presente, meu pai também, apesar dos dois trabalharem fora, né. (Mauro)

Por sua vez, como resposta a mesma questão, Arthur refere:

Quando meu pai faleceu, meu irmão mais velho tinha por volta de doze anos e eu tinha três anos e... Então, foi uma coisa muito complicada, assim, pra nossa família e ali que, foi assim que, talvez, que a minha mãe, assim, entrou mais pro lado do cristianismo, que aquilo que deu uma força pra ela, pra batalhar, sustentar os filhos. E... Basicamente foi assim, minha mãe foi uma pessoa, assim, muito religiosa depois que meu pai veio a falecer, aquilo deu forças pra ela. Ela batalhou, ela foi lá trabalhou, pagou escola particular pra nós todos, nos deu alimentação e foi assim até hoje. (Arthur)

Ambos trazem entre os elementos iniciais de suas falas, além de suas estruturas familiares, algumas pistas sobre condições econômicas e, também, a questão da educação pautada em princípios cristãos. Possivelmente por saber do objetivo da pesquisa, as narrativas de Mauro e Arthur podem ter se inclinado às questões religiosas. No entanto, também parece instigante pensar a religião como tão estruturante e fundamental na subjetivação a ponto de emergir com facilidade quando se pensa nas vivências de criação. Ao se falar em subjetivação aqui, pensa-se a partir da proposição dos modos de subjetivação feita por Foucault (2005), quando o autor refere que estes seriam os modos pelos quais, a partir da cultura, tornamo-nos sujeitos. Ainda pensando acerca dos modos de subjetivação, quando questionado sobre o modo como a sexualidade era tratada em sua educação, os entrevistados referem:

A sexualidade também padrão. O que é ninguém... A gente sempre é... conduzido e entende como normal, a gente ter aquela estrutura básica da família é... homem e mulher. Isso desde cedo foi trabalhado na minha vida. Isso era visto como sendo algo que era a, o... Como é que eu vou dizer?! Não é nem a questão do normal, é algo que não necessita nem ser contestado. Era algo que era pétreo, enrijecido, parado. Aquilo ali era o que eu tinha. A vida da gente, ela tomou vários rumos, né? Mas a gente sempre tem aquela coisa é... o caminho de trabalhar, de formar uma família e é claro ter uma pessoa. Então, assim como trabalhar, assim como ter uma família, é ter uma esposa por ser homem. (Mauro)

É... Assim ó, geralmente os religiosos, os mais fanáticos, eles tendem, assim, a ver algo como, assim, uma culpa àquela pessoa que pratica sexo fora do casamento, né... até a própria masturbação é vista como algo pecaminoso, como algo sujo, né. Então, ela tinha um pouco disso naquela época assim, né. Minha mãe não ficava controlando, assim... Ela sempre focava muito na, na questão assim de fazer sempre o bem ao próximo, né. Tinha um pouco dessa questão... que naquela época ainda a homossexualidade era vista como algo, uma doença, né. Hoje, já não é visto mais. Então, ela assim, de certa forma, às vezes, passava pra mim, que eu que era o... eu sou o único homossexual da família, de que não era algo legal, assim. (...) E eu, assim, eu fui criado, assim realmente na minha infância, adolescência, assim, vendo como algo que era contra Deus, digamos assim, né. (Arthur)

Com estas falas podemos pensar acerca dos padrões heteronormativos que se inscrevem em nossa cultura. Foucault (2009) fala sobre as sociedades ocidentais ligarem o dispositivo da sexualidade à busca por verdade, inicialmente sob a perspectiva cristã e, posteriormente pela via da ciência, de modo que o sexo passa a ser algo que precisa ser examinado, vigiado, confessado e transformado em discurso. Assim, produziram-se discursos tomados como verdades que, por sua vez, tencionam a liberdade em relação à sexualidade, especialmente às sexualidades que situam no avesso da norma, como a homossexualidade. Deste modo, a sexualidade pode ser pensada como um dispositivo que ordena estratégias políticas e relações de saber-poder, sendo estratégico para efeitos de controle, tanto de nível coletivo quanto individual. Assim, quando Mauro discorre sobre como percebeu que a sexualidade foi abordada em sua criação, ele titubeia em algumas palavras para falar acerca de algo que é dado como verdade, algo que é “pétreo, enrijecido e parado”, que não precisaria sequer “ser contestado”.

3.2 “Já fui de tudo que você possa imaginar”: Busca por espiritualidade

Conforme aponta Araújo (2013), não existe um consenso acerca de como definir a religião ou a espiritualidade. No entanto, uma das ideias mais alinhadas diz respeito a pensar a religião como um “conjunto de crenças, leis, ritos que visam um poder que o homem considera supremo, do qual se julga e se reconhece dependente, com o qual pode entrar em relação pessoal, do qual obtém favores, aceitando crenças e na observância de leis e ritos atinentes.” (p. 89). A religião assume, assim, a função de dar sentido a mistérios da humanidade, assumindo também papel importante diante da dor e sofrimento da humanidade, pois, ao dar significado a estes, faz com que se tornem

suportáveis. Como que ressoando à compreensão de religião citada acima, Mauro e Arthur relatam:

Eu já fui tudo que você possa imaginar. Eu já fui budista, já fui espírita, já fui hare krishna, eu fui tudo o que você possa imaginar. Sério, fui tudo. Aluno de filosofia, maluco né (risos). Eu procurei respostas e tinha respostas pra tudo. Conheci o africanismo que foi aonde eu me espiritualizei mais, por incrível que... aonde eu exerci minha fé. É uma admiração que eu tenho pelo pessoal da... do espiritismo, assim, do candomblé são pessoas que têm uma fé muito ativa, sabe. As pessoas se assustam e tudo mais, mas exatamente pela fé deles. (Mauro)

Porque antes, assim, era mais a minha mãe, eu nunca fui muito ligado à religião. Essa questão de eu me ligar ao cristianismo foi há uns dez anos atrás mais ou menos. Eu tava com dificuldades lá, uma série de conflitos e eu me liguei ao cristianismo. (Arthur)

Ainda ao se referir a sua relação com a religião, Mauro revela sua crença na existência do que ele escolhe chamar de não-visível sob a prerrogativa que não somos apenas materialidade. Em sua narrativa, ele busca explicar sua fé através de analogias a fenômenos naturais, justificando também a necessidade de se sentir completo a partir da espiritualidade. Deste modo, ele dá novamente dicas sobre o importante papel da religião no que se refere à construção de sua subjetividade:

Tem muitas coisas que são invisíveis e..., é... só porque, a gente não vê, não quer dizer que não existe. Então, é importante a pessoa ter a espiritualidade dela, até como uma forma dela se completar, né? Por ela não ser só corpo, ela também ser mente. Ela também ter esse lado que a gente pode chamar de sobrenatural, paranormal, tem vários nomes pra isso, mas eu vejo que existe um lado humano, que precisa ser cuidado. (Mauro)

Para Freud (1927), as concepções religiosas emergem da necessidade da humanidade de, de modo geral, defender-se da natureza de modo geral, incluindo a própria natureza humana. Por meio da teoria psicanalítica, ainda é possível pensar a religião como reguladora da moralidade e dos costumes em nossas sociedades. Foucault (2009), por sua vez, apesar de não ter a religião como objeto central de seus estudos, deixou algumas pistas que podem inspirar o pensamento de que a religião é capaz de produzir processos de sujeição através regimes de verdade, bem como subjetivação.

3.3 “Somos odiados pelos dois lados”: Lugar de pertença

A proposta aqui é pensar, especialmente, sobre o lugar ocupado por sujeitos homossexuais identificados com a religião cristã. Um lugar que, em um primeiro momento, parece dizer, sem hesitações, de uma zona de conflito dada, e talvez o seja. Vejamos a seguinte fala de Mauro:

Eles pegavam uma pessoa e crucificavam, né... Então, é... nós somos odiados pelos dois lados. Nós somos odiados pelos ativistas, nós somos odiados pelos evangélicos, entende? Nós somos odiados por todo mundo, né. Por exemplo, eu sou odiado pela vizinha porque eu sou crente, não porque eu sou gay, entendeu? Mas o evangélico me odeia não porque eu sou evangélico, mas é porque eu sou gay. Então, é uma coisa muito complicada (Mauro).

Neste trecho da entrevista, falávamos acerca das implicações para o sujeito se encontra na intersecção com marcadores de identificação homossexual e cristã. A fala de Mauro diz de uma luta constante em marcar o que se é, neste caso, tanto para as grupalidades fundamentalmente identificadas com as questões da religião cristã, quanto para as coletividades mais próximas das pautas LGBTQI⁴. Ele destaca, ainda, que a característica mais em evidência para esses diferentes grupos é aquela que, em um primeiro momento e sob uma análise simplista, dissona de suas respectivas ideologias e princípios. Ou seja, os evangélicos, antes notam negativamente o marcador de sexualidade e, por sua vez, os homossexuais, notam primeiramente sua posição religiosa. Ao complementar sua fala, Mauro refere:

E também algumas pessoas até que não tem religião alguma falam assim: “Por que vocês vão pra... ir pra uma, procurar uma religião que não aceita vocês, né? Pra que insistir? Porque, assim, parece que vocês querem forçar uma barra” (Mauro)

Aqui, fica ainda mais explícito o estranhamento no posicionamento de Mauro sobre ser gay cristão. Musskopf (2005) adverte sobre o quanto lógicas de silenciamento e invisibilidade vêm desde muito tempo marcando as histórias de vida de sujeitos homossexuais identificados com a religião cristã e esse processo se dá justamente pela dificuldade de compreensão dos modos como se compatibilizam ambos marcadores.

⁴ Sigla referente à população lésbica, gay, bissexual, transexual e travesti, *queer* e intersexo.

Não são raras as igrejas em que, por exemplo, um sujeito homossexual é tido como aceito, porém deve permanecer com sua sexualidade “no armário⁵”, isto é, silenciada.

Em concordância com o já exposto, Arthur traz em sua fala a questão da comunidade LGBTQI apresentar certa dificuldade de manejo com o marcador cristão, sobretudo quando este é pensado a partir da ideia de um cristianismo mais conservador, como podemos observar:

Cara, eu vou te dizer, sinceramente, hoje, atualmente, eu percebo que, infelizmente, a maioria dos LGBTs, eles estão com uma, assim, como uma... digamos assim, eles não aceitam o cristianismo, né? Justamente porque muitas igrejas evangélicas ainda não os aceita, entendeu?! Então, eu acho que isso é um problema muito, assim, é complicado, assim. (...) Infelizmente, assim como existe também muito preconceito dos LGBTs com o cristianismo, né?! (Arthur)

Dito isto, também se torna possível pensar que um sujeito gay cristão, estando em um espaço de ativismo ou militância LGBTQI, talvez, prefira manter reservada sua identificação religiosa por receio do julgamento sobre estar indo buscar aceitação em um campo onde comumente se é rechaçado justamente pelo marcador da não-heterossexualidade.

3.4 “Uma fé que abraça todas as pessoas”: Resignificação do cristianismo

Um dos principais pontos de interesse deste trabalho é refletir sobre a forma como sujeitos homossexuais e cristãos compatibilizam estas facetas em suas vivências. Em um movimento de resignificar a fé cristã, Arthur e Mauro nos dão pistas ao dizerem:

Eu, sinceramente, assim, eu li já todo o novo testamento, assim. E se você ler aquilo que o Jesus Cristo ensinou ali, aquilo que ele pregou ali, entender a forma como lidava. Ele não condena... ele não iria condenar nós homossexuais, né. Eu não consigo enxergar isso. Eu acho que tem pessoas que são preconceituosas, ou não conseguem entender as coisas, né. Então... Mas claro, eu acho que agora, assim, isso é uma coisa que tá mudando no mundo. Eu acho que daqui a 50 anos vai ser completamente diferente as coisas, as religiões vão começar a aceitar isso como algo normal, né, e vão começar a entender que não tem porquê considerar a, ãhn, o ato sexual de dois homens ou duas mulheres como algo, um pecado, né?! (Arthur)

Porque a graça do Senhor Jesus, ela veio abraçar todos aqueles que o... a lei mosaica não incluía, os gentios. E eu acredito que o último povo do velho

⁵ A expressão “sair do armário” se refere ao processo de assumir-se enquanto não-heterossexual.

testamento que ainda não havia sido incluído era os homoafetivos, né. Então, assim, como um pastor, grande amigo meu, falou: “agora, não tem mais desculpa, né”. Então, assim, o cristianismo, ele realmente, ele é uma... ele é uma fé que abraça todas as pessoas, né. E... você nunca viu, realmente, Jesus falar de religião sobre absolutamente nada. Ele falava do Pai, ele falava da, da escritura, né. E... é... a questão da, da orientação sexual, eu vejo, na verdade, ela em plena conformidade com o cristianismo, porque o cristianismo ele é uma religião que preza muito pela família, muito, muito pela família. E a homoafetividade é algo que não atrapalha, não é inimigo e, pelo contrário, ela está perfeitamente enquadrada dentro desse contexto que a fé cristã tem da família, tanto que o próprio senhor Jesus, ele veio de uma família que não está dentro do estatuto da família, porque ele era adotado. (Mauro)

Quando Mauro refere que a homoafetividade está alinhada com o cristianismo, ele parece focar sua fala especialmente em uma noção de família. Ainda tem sido possível observar empiricamente a prevalência de uma compreensão hegemônica da família nuclear enquanto monogâmica, heteronormativa e sexista. Assim, apesar dos debates acerca de uma concepção tradicional de família serem recorrentes, o aparecimento de novos arranjos familiares tem se referenciado nessas normas (Santos, Scorlini-Comin & Santos, 2013). Neste sentido, Perroni & Costa (2008) referem o quanto uma concepção única de família, além de excludente, favorece preconceitos e estigmatizações em relação a outros modelos familiares.

Julgo interessante pensar aqui a proposição de Foucault (2005) sobre a relação poder e resistência, assim poderíamos dizer que a religião, em alguns casos específicos, também pode se apresentar como uma forma de resistência. Os discursos religiosos podem funcionar, e funcionam, como mecanismos de produção de verdade. Por sua vez, o discurso cristão tradicionalmente tem fomentado a ideia de que a homossexualidade é uma ameaça à instituição familiar, porém Mauro propõe em sua fala uma resistência a essa prerrogativa ao dizer que a homoafetividade também tem a ver com construção familiar. Em outros trechos de sua fala, Mauro também defende a homossexualidade – ou homoafetividade, como ele diz que prefere chamar – como “dom de Deus”, pontuando que Jesus, apesar de nunca ter tratado abertamente sobre o assunto, também nunca o combateu.

Por fim, ao encerrar a entrevista, Mauro falou sobre algo que ele chamou de dois grandes enganões:

Sim... o único ponto que eu coloco são os dois grandes enganões. O primeiro engano foi da igreja se tornar inclusiva, ela é inclusiva. Ela não tinha que ser... é... exclusiva! Ela, na verdade, ela se tornou exclusiva. (...) E o grande engano

também dos homoafetivos é... Não é engano, mas eu vejo como uma consequência, na verdade, porque a homoafetividade, ela é descoberta de uma maneira quase... é... não vou dizer biológica, mas vou dizer selvagem, né... porque, como eu falei pra você, o que que eu aprendi? Eu aprendi que eu tenho que gostar de menina até... eu vou casar com uma menina, eu vou construir e tudo mais, a minha intimidade... então, assim, pra eu, essa barreira minha ser quebrada foi uma coisa quase que animalesca. Então, o homoafetivo, ele perdeu isso, ele não tem aquela coisa que os heteroafetivos têm do segurar na mão, do ir no cinema, do namorar, do conhecer antes de morar junto, de saber da família um do outro, se ver se outro trabalha, se eles vão construir uma família juntos, se eles vão com... eles não têm nada disso, eles só têm aquela coisa, eu estou generalizando, tá? Ir pra cama, morar junto e vamos ver o que a vida vai fazer e eu acho, eu creio que nós temos que reivindicar isso, isso é um direito nosso, entendeu? Não existe tempo pronto, é só ter relação... (Mauro)

Mauro, ao discorrer sobre o que ele referiu como “grandes enganos” aponta para um processo no qual igrejas cristãs que acolhem e compatibilizam as sexualidades não-heterossexuais com seus dogmas acabam fazendo alguns movimentos que as tornam exclusivas. Logo, de certa forma, também pode fazer com que reproduzam, em algum nível, também certo fenômeno de excludência. Já o outro ponto levantado, que diz respeito aos relacionamentos homoafetivos, de forma geral, terem desviado de certos padrões de relacionamentos conjugais fundamentados em protótipos conservadores parece não dizer exclusivamente das relações homoafetivas. Conforme aponta Bauman (2004) ao tratar acerca das relações no contexto da teoria da modernidade líquida proposta pelo autor, as relações na pós-modernidade estão bastante voltadas ao presente, ao prazer e aos impulsos, de modo que as relações passam a serem concebidas como algo instantâneo, que pode ser facilmente descartado.

4 SER GAY, SER CRISTÃO: LUTA POR RECONHECIMENTO

Nesta sessão, tanto as narrativas da primeira, quanto da segunda pesquisa, foram analisadas à luz da Teoria do Reconhecimento postulada por Honneth (2009) a partir da ferramenta metodológica da análise do discurso sob a perspectiva foucaultiana. A partir desse método de análise, busca-se levar em conta as especificidades de cada discurso, compreendendo que o funcionamento deste não está pré-definido à espera de alguém que o leia. Assim, conforme apontam Ferreira & Traversini (2013), importa dizer que “cada discurso tem suas peculiaridades que as teorias que o analisam, amplamente, não dão conta de todas as suas idiossincrasias, até porque, no seu exterior, povoam inúmeros discursos distintos que lhe alteram a constituição e ordenação interna” (p. 211). Dito

isso, é possível pressupor que as narrativas analisadas não refletem somente uma percepção individual, mas carregam uma construção social e é essa construção social que será tomada como elemento fundamental para as reflexões e considerações sobre as implicações de um posicionamento identitário entre a homossexualidade e o cristianismo sob o prisma do reconhecimento.

Honneth (2009) pontua o reconhecimento como elemento no qual as subjetividades e identidades individuais e coletivas se constituem. Ora, para este autor, a formação da identidade se dá a partir das relações de reconhecimento presentes em três dimensões que, apesar de distintas se conectam entre si. Desta maneira, Honneth propõe como esferas de reconhecimento necessárias para formação identitária processos intersubjetivos relacionados aos afetos, aos direitos e à estima social. Assim sendo, as análises que seguem buscam elucidar os processos de reconhecimento protagonizados por sujeitos homossexuais, especialmente, no que se refere à identificação com o cristianismo evangélico e suas implicações.

4.1 Do amor

De acordo com Honneth (2009) a primeira dimensão do reconhecimento se situa no campo dos afetos. O autor instrui, no entanto, que ao pensar esta esfera de reconhecimento não se feche na concepção romântica de relações íntimas sexuais do amor e dos afetos, mas que se compreenda as relações amorosas como “todas as relações primárias, na medida em que elas consistam em ligações emotivas fortes entre poucas pessoas, segundo o padrão de relações eróticas entre dois parceiros, de amizade e de relações pais-filho” (p. 159)

Honneth, ao falar acerca do reconhecimento intersubjetivo na dimensão afetiva se debruça na teoria proposta pelo psicanalista Donald Winnicott⁶. Para Winnicott, o processo de amadurecimento infantil só poderia ser desenvolvido de forma sadia a partir da cooperação intersubjetiva e mútua da díade mãe-filho. A teoria winnicottiana indica que o percurso positivo da relação mãe-bebê ocorre da passagem da categoria que o autor chama de “dependência absoluta” para o que o se compreende como “dependência relativa” e, posteriormente, para a fase denominada por Winnicott de “rumo à independência”. Destaca-se aqui que, segundo a teoria psicanalítica de Winnicott, a

⁶ Donald Woods Winnicott foi um pediatra e psicanalista inglês conhecido especialmente por seus estudos com base nas relações intersubjetivas entre a criança e o ambiente.

independência nunca será absoluta, afinal o indivíduo não se encontra isolado, mas sempre em relação de interdependência com o meio.

A partir dessa compreensão, as narrativas analisadas revelam que as trajetórias de vida de sujeitos homossexuais comumente estão marcadas de forma significativa no que se refere à esfera dos afetos. Conforme os dados censitários indicam, em termos religiosos, o Brasil é um país majoritariamente cristão. Assim, não surpreende o fato das trajetórias de vida encontradas nas narrativas, em sua maioria, fazerem menção a uma criação e educação pautadas na ideologia e nos princípios do cristianismo, lembramos aqui o que disseram Mauro e João:

A minha educação foi aquela educação bem é... comum na, da população brasileira que foi com a educação cristã católica, né. Meus pais, eles eram católicos, né. Eu tenho [...] irmãos mais velhos, né. Recebi toda, meu pai, minha mãe sempre foram pessoas, assim, muito presentes. Eles eram pessoas religiosas e o cristianismo foi introduzido na nossa família pela igreja católica, é... minha mãe sempre foi uma pessoa presente, meu pai também, apesar dos dois trabalharem fora, né. (Mauro)

Meus pais desde quando eu era criança fizeram questão de me educar na Igreja Católica. Fui formado com princípios dessa religião. Conseqüentemente a minha formação acadêmica desde criança até a minha adolescência foi em instituições ligadas a igreja Romana. (João)

Ora, considerando que um sujeito nasça e se constitua em um ambiente familiar marcado pela ideologia cristã tradicional que advoga veementemente em prol de uma normatização das sexualidades, isto é, naturaliza e legitima a sexualidade sob o jugo da heteronorma, pode-se supor, sem maiores hesitações, o conflito identitário ao não se reconhecer como heterossexual.

As narrativas encontradas na página virtual da ICC revelam experiências dramáticas no que se refere às relações intrafamiliares de sujeitos homossexuais ao declararem sua orientação sexual em suas famílias de origem. Diversos relatos referem situações de não aceitação por parte dos familiares que, por sua vez, permitem o entendimento de certa tensão entre não se sentir reconhecido no contexto das relações afetivas primárias, considerando estas as experienciadas dentro do núcleo familiar. Como pudemos ver no relato de Marcelo:

(...) meu pai era católico, mas eu fui criado dentro da igreja evangélica pela minha mãe. Quando comecei a me perceber diferente dos outros meninos já que a homossexualidade começava a desabrochar dentro de mim passei por

momentos de grandes conflitos internos e tentava esconder o que era dos meus pais e da igreja. Temia que meus pais me virassem as costas e que a igreja me excluísse (Marcelo)

Ademais, ainda pensando a dimensão dos afetos, o preconceito em relação à orientação sexual é um fenômeno potencial causador de conflitos identitários em sujeitos homossexuais, tendo em vista a cultura hegemônica que perpassa às sexualidades no mundo ocidental, especialmente em países fortemente marcados pelos dogmas cristãos, como o Brasil. Inclusive, é pertinente salientar que o Brasil figura na liderança do *ranking* dos países que mais violentam e matam a população LGBTQI. Diniz (2017) atenta para o fato de o Brasil ter ocupado o primeiro lugar em homicídios de pessoas LGBTQI no continente americano, registrando cerca de trezentos e quarenta (340) assassinatos por motivação homotransfóbica somente no ano de 2016. Dados como esse, indicam uma nação que ainda enfrenta grandes dificuldades em assentir a existência de sexualidades não-heterossexuais. Deste modo, homossexuais no Brasil, além de enfrentarem diariamente a incerteza de que, depois de um dia habitual, voltarão para casa com sua integridade preservada, ou até mesmo vivos, também se veem diante de significativos conflitos identitários. Esses conflitos podem ser pensados a partir da formulação teórica de Honneth, justamente por esses sujeitos não se sentirem reconhecidamente dignos de afetos e, até mesmo, compaixão.

4.2 Do direito

A esfera jurídico-moral, a do reconhecimento jurídico, liga-se ao pensamento de que só é possível ao sujeito alcançar uma compreensão de ser portador de direito quando este sabe quais obrigações precisa observar defronte a um sujeito outro. Assim, da noção normativa de um “outro generalizado” aprendemos a reconhecer os outros indivíduos como portadores de direitos, por conseqüente, também passamos a observar a nós mesmos como sujeitos de direito (Honneth, 2009). Na teoria proposta por Honneth, o respeito ao direito – seja dirigido ao outro ou autodirigido – não deve ser tomado como ligado às emoções, devendo ser associado à consciência moral. Neste sentido Honneth ainda propõe a analogia de que o autorrespeito está para o reconhecimento jurídico do mesmo modo que a autoconfiança está para o reconhecimento afetivo. Isto posto, aplicando ao cenário contemporâneo, o reconhecimento como sujeito de direito deveria ser aplicado a todas as pessoas sob a mesma medida, o que, sabemos, está ainda longe de se efetivar.

Ao pensar a homossexualidade na esfera do reconhecimento jurídico é possível inaugurar reflexões acerca de privações de direitos instituídas historicamente em muitos países ao redor mundo. Apenas para ilustrar, cita-se o número absoluto de setenta e três (73) países em que relações afetivo-sexuais com pessoas do mesmo sexo é considerado crime, sendo que pelo menos doze (12) deles preveem pena de morte como sanção a práticas homossexuais (Mantovani, 2016). No Brasil, pouco a pouco, algumas concepções jurídicas acerca da homossexualidade têm sido revistas. No entanto, convida-se a refletir, para além de um nível macro jurídico, sobre as violações de direito incitadas a partir do preconceito a sexualidades não-heterossexuais, especialmente da homofobia⁷ e sobretudo no que se refere ao autorrespeito. Como podemos ver nas seguintes falas:

Eu tive um insight, eu falei assim “Meu Deus, eu sou viado.” Eu falei assim: “Eu não acredito nisso.”. Eu saí da aula assim, sabe? Eu falei assim: “Eu não acredito, eu não acredito”. Aí veio, assim, todos aqueles bullyings, sabe? Eu falei: “Meu Deus, tudo o que as pessoas falavam, sabe. Gente, eu sou tudo isso. Aí, não acredito!” Todas as coisas que as pessoas falavam, me zoavam, tudo. Aí começou a me dar um sentimento: o quê que eu vou fazer com isso porque... sabe, isso é a pior coisa. Isso, isso é... Isso é uma ofensa, isso é degradante para uma pessoa, mas sabe quando a ficha cai, assim, você, você vê, é como se você olhasse no espelho, assim, e visse quem você é naquele momento ali. (Mauro)

Mesmo assim, durante toda minha vida me sentia culpado e diminuído por olhar para meninos de uma forma diferente. Por vezes me penalizei, fui levado a psicólogos por minha vó (que me criou desde os 2 anos), fui controlado por ela em relação a meu comportamento, hostilizado na escola etc. (Phillipi)

Estas narrativas revelam uma percepção de si marcada pelo autodesrespeito. Além do estigma social e cultural com os quais sujeitos que se encontram no avesso da heteronorma têm que lidar desde muito cedo, quando um indivíduo se encontra simultaneamente identificado com o cristianismo e a homossexualidade, outras implicações se apresentam. Por exemplo, se um indivíduo homossexual opta por se vincular a alguma instituição cristã conservadora, possivelmente, este terá de abdicar de alguns de seus direitos, como o de se relacionar com pessoas pelas quais nutre afeto e/ou atração, ou ainda deixar de participar de determinados rituais, como ilustram as falas de Bruno e Rayanne:

⁷ Termo usado para se referir ao preconceito praticado contra algum indivíduo em razão de sua homossexualidade.

Um dia meu pai acabou descobrindo esse meu namorado. Lembro-me que era semana de Santa Ceia e não pude mais participar do corpo e do sangue do Senhor, não pude tocar mais meu instrumento. O que eu mais temia estava acontecendo. (Bruno)

Numa noite levada sabe Deus pelo que, eu tive minha primeira experiência de estar com uma mulher, onde abraçadas acabamos nos beijando. E então, o mundo caiu! (...) Conteí para os pastores, me enfiaram num retiro de cura interior, meu ministério foi tirado, me mandaram afastar da minha amiga (nessa altura já era minha namorada), ela lutava de lá com a igreja, e eu daqui. Fui instruída a me afastar de qualquer tipo de menina (não tinha amigos mais), não podia estar em nenhum tipo de ministério, não podia fazer absolutamente nada, enquanto isso só fazia cursos de primeiros passos cristãos (como se eu tivesse esquecido o que DEUS era). (Rayanne)

Neste quadro, as igrejas inclusivas, baseadas em princípios cristãos e fundamentadas em uma ética de acolhimento a sexualidades não-heterossexuais podem fazer função de fornecer subsídios para conferir aos sujeitos referências positivas no que se refere a questões de autorrespeito e, também, politicamente, marcar um lugar na luta pelos direitos jurídicos de LGBTQIs que, por alguma razão, buscam respaldo no cristianismo para travar esta luta por reconhecimento, possibilitando, assim, um movimento de ressignificação da identidade homossexual face ao cristianismo:

A vergonha e o medo da nossa orientação sexual foi pré-estabelecida por centenas de anos de preconceitos tendo como maior colaboradora a igreja que apontava a homossexualidade como demoníacas e pecaminosa. Sabemos, hoje, que isso não é verdade, pois não somos essa imagem tão triste que fazem dos gays (promíscuos, drogados, doentes, marginais...). (Marcos).

4.3 Da estima social

De acordo com as proposições teóricas de Honneth (2009), a terceira dimensão do reconhecimento intersubjetivo diz respeito à estima social. Diferentemente do reconhecimento na esfera jurídica, o filósofo pontua que a estima social se aplica particularmente às características de diferenças individuais de cada sujeito. Assim, a estima social está diretamente relacionada a critérios socialmente construídos que irão nortear o que é passível de admiração dentro de determinado grupo social. Portanto, a esfera da estima social, que algum tempo atrás poderia também ser compreendida como honra, em tempos atuais se relaciona diretamente ao que se considera *status* social, isto é, um construto através do qual os sujeitos tentarão conquistar e medir seu valor social.

Ser homossexual em um ambiente cristão arcaico, marcado por reproduzir ideias estigmatizadas e negativas acerca de sexualidades não-heterossexuais, implica em não ter seu território existencial valorizado. Da mesma forma, como já discutido anteriormente⁸, ser cristão também é uma marca passível de não ser estimada em meio à comunidade LGBTQI. Temos como exemplo parte de um relato não identificado na página virtual da ICC, que refere o seguinte a respeito de viver sua (homo)sexualidade em uma sociedade fortemente mediada pelos princípios de um cristianismo tradicional:

Mas, como segui-lo e renunciar minha cor, minha altura, minha voz... minha identidade sexual? Estive em um pequeno tratamento psicológico contra stress e pensei em conversar com minha psicóloga sobre mim... homossexual. Mas, não tive coragem. Permaneci no mundo durante 11 anos. Me sentindo uma piada. Um ser humano colocado no mundo para sofrer o amor do Deus que não me queria. Mas, o Senhor olhou pra mim! Ele olhou e disse: BASTA! (...) Até que uma noite, ao ler meus recados, lá estava o convite do meu amigo que havia conhecido uma igreja na Lapa e que pregava que homossexualidade não era pecado; que gays têm direito aos céus e que Deus nos amava. (Anônimo)

O sujeito acima termina sua fala contando sobre quando foi convidado para visitar uma igreja inclusiva. Pois, ao pensarmos especificamente as trajetórias de vida tomadas como ferramenta de análise para este estudo, é possível ver que as igrejas inclusivas, a partir de suas especificidades, conseguem fomentar o reconhecimento identitário pela via da estima social de gays cristãos, conforme nos revelam as narrativas abaixo:

Não é difícil entender a Igreja Cristã Contemporânea como meio para a convivência na diversidade, um lugar que cria as condições para uma integração sem barreiras e preconceitos, voltada para o respeito à diversidade, analisando a relação de gênero entre mulheres e homens. A convivência como um importante exercício para praticar a tolerância e a aceitação da homossexualidade. A Igreja Cristã Contemporânea já representa um importante canal de comunicação social de combate à homofobia e fanatismos de toda ordem, infelizmente tão em alta na contemporaneidade. E acredito que poderei ter um importante papel na restituição de muitas vidas na Igreja Cristã Contemporânea no Brasil. (Aldinei)

Se não tivermos orgulho do que somos, nunca atingiremos nossos ideais como homens de Deus que somos e nunca poderemos andar em liberdade. Não podemos continuar omissos. Então, a principal atitude que devemos ter é ORGULHO e não a VERGONHA do que somos, pois assim seremos respeitados. Se não tivermos orgulho do que somos, nunca atingiremos nossos ideais como homens de Deus que somos e nunca poderemos andar em liberdade. Não podemos continuar omissos. Então, a principal atitude que devemos ter é

⁸ Ver 3.3 “Somos odiados pelos dois lados”: Lugar de pertença, página 28.

ORGULHO e não a VERGONHA do que somos, pois assim seremos respeitados. (Marcos)

Hoje, com 24 anos de idade, dois anos após o primeiro dia que pisei na igreja Cristã Contemporânea da Lapa me sinto completo. Sinto-me feliz. Passei uns momentos difíceis, quando tomei coragem de contar para os meus pais. Mas o melhor foi que já passou. Hoje eu me aceito. Sou um cidadão, pago meus impostos (as vezes atraso algumas contas, como qualquer outra pessoa) mas no geral ando em dia com minhas obrigações, trabalho, amo minha profissão, congrego em uma igreja que me ama e ama a todos independentemente de sua orientação sexual, raça ou condição social, cumpro com minhas obrigações eleitorais e políticas. Sou um ser social. Um ser feliz, que deseja que todos possam ser felizes. (Rodrigo)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que perspectivas cristãs conservadoras rechaçam relações não-heterossexuais. Sejam baseadas em leituras bíblicas fundamentalistas ou em éticas sexuais que consideram a procriação como finalidade única do sexo, estas perspectivas são potenciais causadoras de mal-estar subjetivo e, por consequência, sofrimento psíquico em indivíduos não-heterossexuais, sobretudo naqueles que, de algum modo, encontram-se atravessados constitutivamente por princípios da religião cristã. Deste modo, é possível afirmar que perspectivas cristãs discriminatórias corroboram para manutenção de hierarquias sexuais, respaldando preconceitos, violências e, até mesmo, privações de direitos no que se refere às minorias⁹. Por outro lado, apesar de promoverem estigma e preconceito, sabe-se que tais ideologias religiosas podem também adquirir importância singular na história de vida de pessoas não-heterossexuais que se reconhecem como cristãs.

Assim, por sua vez, igrejas cristãs inclusivas evidenciam a capacidade de harmonizar vivências homossexuais com crenças cristãs, exercendo papel fundamental quando se pensa na redução de sofrimento e promoção de qualidade de vida de sujeitos identificados tanto com marcadores identitários de sexualidades não-heteronormativas e de ideologia cristã. Essas igrejas, ao defenderem outros modos de leitura das escrituras bíblicas, propõe aos sujeitos a possibilidade de ressignificarem suas existências sob a ótica da fé cristã. Por conseguinte, essas instituições se posicionam como relevantes

⁹ O termo minoria aqui se refere a grupos em situação de desvantagens sociais em relação a outros grupos e não, necessariamente, em menor quantidade numérica.

espaços de acolhimento e reconhecimento destas identidades que se encontram no avesso da norma hegemônica cristã ocidental.

Em relação à principal questão que permeia esse trabalho, *i. e.*, os modos como sujeitos homossexuais compatibilizam sua identificação com a ideologia cristã, faz-se possível depreender que essa articulação se dá, principalmente, a partir da ressignificação do cristianismo ao renunciar às convenções fundamentalistas que, predominantemente, compõem-no. Esses movimentos são feitos de diferentes formas, mas se destacam as (re)leituras dos textos bíblicos sob vieses outros, que dão margem à compreensão de que o cristianismo, em suma, não se pretende uma religião que discrimina ou rejeita qualquer sujeito, independente de seus marcadores sociais. Portanto, a partir do entendimento do cristianismo enquanto uma religião que acolhe a todas as pessoas como são, esses sujeitos passam a dar novo sentido a suas histórias, harmonizando sua orientação sexual com sua crença religiosa.

Musskopf (2005) pontua que existe uma extensa história de silenciamento que marca a existência e as trajetórias de vida de sujeitos que se encontram na intersecção entre ser gay e cristão. Por muito tempo, aqueles que viveram – ou ainda vivem – entre a cruz e o arco-íris, isto é, identificando-se tanto com o cristianismo, quanto com a homossexualidade (ou qualquer outra orientação não-heterossexual) tiveram suas histórias silenciadas no tocante a essa compatibilização. Assim, compartilhar e refletir sobre essas trajetórias de vida pode ser considerada uma importante ferramenta para romper com este percurso fortemente marcado pela invisibilidade.

Neste contexto, é possível pensar o reconhecimento intersubjetivo como uma condição essencial no que se diz respeito a conceder sentido às condições e experiências sobre ser humano, isto é, ser sujeito. Butler (2006) reflete sobre a existência a partir da ideia de reconhecimento demandar a ponderação do modo como a vida tem se dado, se tem sido vivível da mesma forma por todos. Então, desta perspectiva intersubjetiva de reconhecimento, surge a ideia de que cada sujeito tem a possibilidade de considerar o outro como mais ou menos ser humano, de acordo com suas concepções próprias acerca da humanidade. Portanto, devaneios utópicos à parte, é possível considerar que as identidades das minorias são, do ponto de vista hegemônico, os territórios existenciais menos reconhecidos, assim, conforme sugere Filho (2012) “talvez a luta por reconhecimento seja uma das mais importantes para a existência na contemporaneidade” (p. 96).

Ademais, tal como este trabalho pode sinalizar, a saúde psíquica de sujeitos que se reconhecem concomitantemente como gays e cristãos deve ser um ponto a ser observado com bastante atenção e cuidado. É imprescindível que a atuação de profissionais de saúde mental, especialmente psicólogos e psicólogas, seja pautada na ética e no respeito às diversidades e às vidas de todos os sujeitos, não promovendo lógicas restritivas em relação a expressões subjetivas, sobretudo em prol de meramente corresponder ao que se compreende hegemonicamente por padrão. Por fim, destaca-se a necessidade de mais estudos acerca desta temática com intuito de tencionar considerações sobre o impacto de conjunturas teológicas nas condições de vida de sujeitos não identificados com a heteronormia. Dito isso, encoraja-se, ainda, o fomento ao direito à vida e suas possibilidades através da reflexão sobre modos outros de produção e manutenção de condições dignas para as vidas de todos os sujeitos, independente de sua orientação sexual ou crença religiosa.

REFERÊNCIAS

- Alves, J. M. D. & Pizzi, L. C. V. (2014). Análise do discurso em Foucault e o papel dos enunciados: pesquisar subjetividades nas escolas. *Revista Temas em Educação*. João Pessoa, 23(1), 81-94.
- Araújo, I. M. Z. de (2013). *Religião e Subjetividade*. *Revista Ciências Humanas*. Universidade de Taubaté, 6(1), 88-106.
- Bourdieu, P. (1992). *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Busin, V. M. (2008). *Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da autoimagem de gays e lésbicas*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião na PUCSP, SP, Brasil.
- Carvalho, E. R. da S. (2014). *(Homo)sexualidade em diálogo: imaginário cristão, intolerância religiosa e cisma anglicano*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.
- Ceccarelli, P. R. (2000). Sexualidade e preconceito. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, 3(3), 17-18.
- Conselho Federal de Psicologia (2011). *Psicologia e Diversidade Sexual: Desafios para uma sociedade de direitos*. Brasília: CFP.
- Detomini, V. C., Rasesa, E. F., & Peres, R. S. (2016). Sexualidade e saúde mental: vivências, serviços e estigmas. *Revista da SPAGESP*. Ribeirão Preto, 17(2), 81-95.
- Diniz, P. (2017). Brasil patina no combate à homofobia e vira líder em assassinatos de LGBTs. *Folha de São Paulo*. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1884666-brasil-patina-no-combate-a-homofobia-e-vira-lider-em-assassinatos-de-lgbts.shtml>. Acesso em 05 jan. 2018.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico de 2010*.
- Ferreira, M. dos S. & Traversini, C. S. (2013). A análise foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre, 38(1), 207-226.
- Filho, A., S.. (2012). Existência, subjetividade e reconhecimento: O roubo da vida na discriminação do outro. *Revista Cronos*. Natal, 13(1), 89-98.
- Fischer, R. M. B. (2003). Foucault revoluciona a pesquisa em educação? *Revista Perspectiva*. Florianópolis, 21(2), p. 371-389.
- Foucault, M. (2005). *Microfísica do poder*. (21a ed.) Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (2009) *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. (19a ed.) Rio de Janeiro: Graal.

- Foucault, M. (2012). *A arqueologia do saber*. (8a ed.) Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Gabatz, C. (2015). Diversidade e Intolerância Religiosa na Sociedade Brasileira Contemporânea. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, 37, ed. especial extra, 03-19.
- Ganczewski, D. (Produtor) & Mulcahy, R. (Diretor). (2009). *Orações para Bobby* [filme]. Estados Unidos da América: Once Upon a Time.
- Honneth, A. (2009). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. (2a ed.) São Paulo: Editora 34.
- Jesus, F. W. de. (2010). A cruz e o arco-íris: refletindo sobre gênero e sexualidade a partir de uma “igreja inclusiva” no Brasil. *Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, 12(12), 131-146.
- Jesus, F. W. de. (2012). *Unindo a cruz e o arco-íris: vivência religiosa, homossexualidades e trânsitos de gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.
- Machado, M. das D. C. & Piccollo, F. D. (Orgs.). (2010). *Religiões e Homossexualidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Matos, P. (2004). O reconhecimento, entre a justiça e a identidade. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*. São Paulo, 63, 143-160.
- Musskopf, A. S. (2005). À meia luz: a emergência de uma teologia gay: Seus dilemas e possibilidades. *Cadernos IHU Ideias*. São Leopoldo, 3(32), 01-34.
- Musskopf, A. S. (2008). *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia Queer no Brasil*. Tese de Doutorado, Faculdade EST. São Leopoldo, RS, Brasil.
- Natarelli, T. R. P, Braga, I. F., Oliveira, W. A. de, & Silva, M. A. I. (2015). O impacto da homofobia na saúde do adolescente. *Escola Anna Nery*. Rio de Janeiro, 19(4), 664-670.
- Natividade, M. T. (2006). Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, 21(61), 115-132.
- Natividade, M. T. (2013). Homofobia religiosa e direitos LGBT: Notas de pesquisa. *Latitude*. Alagoas, 07(1), 33-51.
- Oliveira, T. L. de. (2006). *Teoria Queer e estigma: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Santos, Y. G. de S., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos. (2013). Homoparentalidade masculina: revisando a produção científica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, 26(3), 572-582.

Trevisan, J. S. (2000). *Devassos no paraíso. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Record.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Você está sendo convidado a participar da Pesquisa “Ser gay, ser cristão: trajetórias de reconhecimento”, que será conduzida sob responsabilidade e coordenação do pesquisador Dr. Henrique Caetano Nardi. Esta pesquisa tem por objetivo investigar, a partir de relatos de trajetórias de vida, como sujeitos homossexuais identificados com o cristianismo evangélico compreendem essa condição, bem como as implicações que esses atravessamentos podem produzir no que se refere à constituição psíquica e reconhecimento identitário desses indivíduos.

Sua participação nessa pesquisa é voluntária e se dará mediante a resposta a uma entrevista conduzida pelo pesquisador principal dessa pesquisa em data e local a serem definidos por conveniência e de acordo com a disponibilidade do participante e do entrevistador. O roteiro da entrevista é pré-definido, mas admite a possibilidade de abertura para outras questões, que poderão ser respondidas de forma livre e, somente, quando se sentir confortável para tanto. Essa entrevista terá áudio gravado para posterior transcrição e análise, contudo será utilizado unicamente para fins deste estudo, sendo garantido sigilo total de sua identidade nas divulgações dos resultados deste estudo.

Os riscos decorrentes da sua participação nessa pesquisa são mínimos, podendo estar relacionados especialmente a aspectos emocionais, tendo em vista que a entrevista demandará sua narrativa e, conseqüente, recordação de sua trajetória de vida. Caso você deseje desistir da sua participação da pesquisa, poderá fazê-lo em qualquer momento, independente do motivo e sem qualquer prejuízo a sua pessoa. Em caso de desconforto, você poderá receber também indicação de algum tipo de atendimento psicológico em virtude de sofrimento psíquico relacionado ao tema dessa pesquisa. Neste caso, considerando suas condições de possibilidade financeiras e de deslocamento, o pesquisador indicará algum profissional ou serviço que o possa fazê-lo, se você assim desejar. Além disso, o Centro de Referência em Direitos Humanos, Relações de Gênero, Diversidade Sexual e Raça do Núcleo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Raça (CRDH/NUPSEX) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) estará à disposição para acolhê-lo e fazer encaminhamentos necessários.

Se você aceitar participar desse estudo, contribuirá para ampliar o entendimento de questões referentes a trajetórias de sujeitos homossexuais identificados com o cristianismo e suas implicações sociais, podendo, inclusive, auxiliar outros sujeitos que se encontram em situação similar a observarem essa condição de outras formas. Os dados obtidos serão utilizados somente para fins deste estudo, sendo armazenados, em computador privativo, sob guarda e responsabilidade do pesquisador principal durante 5 (cinco) anos e, após, totalmente destruídos, conforme preconiza a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Você não terá custos para participar da pesquisa e poderá ser ressarcido no caso de ter gastos exclusivamente em decorrência dessa pesquisa. Ressalta-se, porém, que você não receberá nenhuma remuneração por sua participação. Você terá direito de buscar indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Ademais, caso deseje, você poderá receber também o resultado da análise dos dados obtidos a partir deste estudo. Todas as informações e condições descritas neste TCLE estão em concordância com a Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Para obter quaisquer informações sobre esse estudo, você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (51) 98575-1992 e/ou pelo e-mail rgrobsongoncalves@gmail.com. Caso queira tirar alguma dúvida acerca das questões éticas, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, localizado à Rua Ramiro Barcelos, 2.600, pelo telefone (51) 3308-5698 e/ou pelo e-mail cep-psico@ufrgs.br. A presente pesquisa foi aprovada por este Comitê de Ética, que estará à disposição para prestar informações.

Eu _____, portador do CPF _____, após ler este termo e receber informações de como será minha participação, concordo em participar da pesquisa “Ser gay, ser cristão: trajetórias de reconhecimento”. Tenho ciência de que não receberei remuneração e que posso desistir da minha participação em qualquer momento durante a execução desse estudo. Declaro que assinei duas vias Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando uma sob minha posse e outra sob responsabilidade do pesquisador.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

Data: __/__/____

APÊNDICE B – Roteiro de Questionário e Entrevista Semiestruturada

A. Dados básicos

1. Data de nascimento:
2. Idade:
3. Cidade:
4. UF:
5. Nacionalidade:
6. Gênero designado no nascimento:
7. Identidade de Gênero:
8. Raça/etnia:
9. Renda familiar *per capita* (aproximada):
10. Escolaridade:
11. Ocupação profissional:

B. Trajetória de vida

1. Você pode contar, brevemente, como foi sua infância e adolescência?
2. A questão da religião era presente no contexto em que você foi criado?
3. De que forma a sexualidade era tratada no contexto em que você foi criado?
4. Qual sua orientação religiosa atual? Considera-se praticante?
5. Como você define sua sexualidade?
6. Considera a religião algo importante na sua vida?
7. Qual sua visão sobre o cristianismo?
8. Como você percebe a homossexualidade?
9. Desde quando você identifica-se (ou já se identificou) com o cristianismo? Qual vertente cristã (católica, evangélica, protestante, pentecostal, neopentecostal, inclusivo, outros)?
10. Já teve contato com alguma instituição religiosa cristã “tradicional”?
11. Frequentou instituição religiosa cristã “tradicional”? Qual? Por qual período? Quais foram suas influências para contato com o cristianismo “tradicional” (família, amigos(as), mídia, busca autônoma, etc.)?
12. Já teve contato com alguma instituição religiosa cristã “inclusiva”?
13. Frequentou instituição religiosa cristã inclusiva? Qual? Por qual período? Quais foram suas influências para contato com o cristianismo “inclusivo” (família, amigos(as), mídia, busca autônoma, etc.)?
14. Você considera que já sofreu algum tipo de preconceito por parte de instituições e/ou pessoas reconhecidas como cristãs em razão dessa condição? Se sim, qual(is)?
15. Como você vê sua crença religiosa em relação a sua orientação sexual? Como você lida(ou) com isso?
16. O que você entende por ser *gay* e cristão?
17. De que forma você acha que ser *gay* e cristão afeta sua vida?
18. Você encontra alguma dificuldade em conciliar sua sexualidade com sua orientação religiosa?
19. Existe alguma coisa a respeito da sua trajetória de vida relacionada à sua sexualidade e identificação com o cristianismo que você gostaria de mencionar?